

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. Como aprender e ensinar competências. Tradução de Carlos Henrique Lucas Lima. Porto Alegre: Artmed, 2010. 197 p.

Geraldina Porto Witter*

O tema do livro aqui resenhado surgiu na área do trabalho e posteriormente alcançou a área educacional de maneira rápida e abrangente. É justamente seu uso educacional que Antoni Zabala e Laia Arnau focalizam. Ambos lecionam na Universidade de Barcelona.

O livro é composto por apresentação, 11 capítulos, epílogo e glossário, sendo o último de uso prático. Na apresentação, o leitor fica informado de aspectos gerais e questões básicas trabalhadas ao longo dos capítulos. É estabelecido que:

A competência, no âmbito da educação escolar, deve identificar o que qualquer pessoa necessita para responder ao problema aos quais será exposta ao longo da vida. Portanto, a competência consistirá na intervenção eficaz nos diferentes âmbitos da vida, mediante ações nas quais se mobilizam, ao mesmo tempo e de maneira inter-relacionada, componentes atitudinais, procedimentais e conceituais. (p. 11).

Os autores acrescentam que qualquer competência implica em conhecimentos relacionados a habilidades e atitudes.

O primeiro capítulo recupera aspectos que nortearam o surgimento e o uso de competências como propostas para superar as limitações detectadas no ensino, buscando mudanças nos referenciais educacionais vigentes até o começo dos anos 70 do século passado. Vale lembrar que no Brasil foram necessárias quase duas décadas a mais do que em países europeus, mesmo os de tradição católica como a Espanha. Foram os países de tradição calvinista os primeiros a adotarem uma nova percepção da matéria. Neste, como nos demais capítulos, o leitor encontra, nas margens esquerda e direita, chamadas para aspectos relevantes da matéria que o texto apresenta. Também, em todos eles, o leitor encontra um quadro com questões práticas envolvendo os aspectos tratados no capítulo.

O capítulo seguinte começa por um esforço em definir, mais especificamente, competência. É bem conduzido e traz também uma breve caracterização do processo desenvolvido para que a pessoa tenha uma ação competente diante de uma situação real. Os autores defendem que, para tanto é preciso

dispor, na base, de conteúdos factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais. Esses conteúdos devem viabilizar o planejamento de várias possibilidades de esquemas para atuação competente. Segundo Zabala e Arnau, a pessoa precisa selecionar um desses esquemas para usar, mas manter-se flexível para uso de outro se for necessário. A escolha deve levar em consideração a análise da situação que gerou a necessidade de um comportamento competente. Além disso, quadros com sínteses e figuras facilitam a compreensão das propostas apresentadas.

No capítulo 3, os autores começam a entrelaçar os vários aspectos do tema. Nele, descrevem as inter-relações entre habilidades e atitudes, imprescindíveis para se alcançar a competência. São descritas as características da escola tradicional, enfocadas as falsas dicotomias entre memorização vs. compreensão; conhecimentos vs. procedimentos e feitas sugestões sobre encaminhamentos mais produtivos.

O termo competência representa a alternativa que supera as dicotomias: memorizar e compreender; conhecimentos e habilidades; teoria e prática [...] A melhoria da competência implica a capacidade de refletir sobre sua aplicação e, para alcançá-la, é necessário o apoio do conhecimento teórico. (p. 49)

Neste capítulo os autores expõem necessidades estudadas no seguinte (capítulo 4), no qual retomam o tema do objetivo essencial da educação por competência, que é o desenvolvimento pleno da pessoa, e alertam que na literatura muitas expressões foram usadas, muito se discutiu e se discute com relação aos papéis desempenhados pela escola, e que modismos substituem modismos, especialmente no discurso pedagógico. O próprio uso das competências pode cair nesse mesmo limbo se não for adequadamente trabalhado desde o estabelecimento dos objetivos educacionais e dos sistemas educacionais e escolar. Apresentam um quadro muito útil de como as finalidades da Educação são vistas por instituições como a ONU, pela Constituição Espanhola, pela Declaração dos Direitos da Criança, pela UNESCO e pelo Fórum de Dakar.

Os autores dão prosseguimento ao tema, no capítulo 5, ao descreverem que no mundo escolar as competências devem abarcar o âmbito social, interpessoal, pessoal e profissional. Vale dizer que é

* Professora emérita da Universidade Federal do Pará, do Centro Universitário de João Pessoa e da Universidade Camilo Castelo Branco. E-mail: gwitter@uol.com.br

um educar para a vida, portanto requer muito mais do que informar e compreender a informação. Apenas deve-se fazer uma ressalva à pouca atenção dada à dimensão afetiva ou emocional das atitudes, estando as cognitivas e comportamentais bem trabalhadas. Os autores acrescentam, no entanto, que embora haja variação conceitual quanto às competências é denominador comum que devem abranger todas as capacidades do ser humano.

No capítulo seguinte o leitor é chamado a atentar para o fato de que a aprendizagem de competências é sempre funcional, o que implica em dar à aprendizagem o maior grau de relevância e funcionalidade possível. Consequentemente, isso requer mudanças nos princípios psicopedagógicos e a análise estrutural das competências e respectivas aprendizagens de seus componentes (aprendizagem de fatos, de conceitos, de procedimentos e de atitudes). Enfocam vários aspectos correlatos decorrentes do empenho do educador ao trabalhar dentro da proposta de desenvolvimento das competências nos seus alunos.

De acordo com os autores, para ensinar competências o ponto de partida deve ser trabalhar o contexto de situações e problemas reais (Capítulo 7). Zabala e Arnau lembram ainda que o ensino por competências tem por características essenciais: a relevância do que vai ser ensinado; a complexidade da situação, possuir um caráter procedimental; e a combinação dos componentes aprendidos considerando a funcionalidade. Isso implica em atender a critérios específicos sobre o significado do que vai ser ensinado, de sua complexidade, dos procedimentos a serem usados e dos componentes envolvidos, bem como os compromissos a serem assumidos. É imprescindível o envolvimento dos alunos e o respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem.

Pelo exposto fica evidente que cuidar apenas do conteúdo das disciplinas é insuficiente para que o aluno aprenda competências. É o que os autores procuram mostrar no capítulo 8. Destacam como dimensões geralmente relevantes a social, a interpessoal, a profissional. O ensino, tendo em vista o desenvolvimento de competência, deve considerar os procedimentos metadisciplinares, interdisciplinares e de cada disciplina individualmente. O núcleo de disciplinas é um suporte ou núcleo para a organização curricular. A análise do exercício profissional na realidade oferece o conhecimento dos domínios de conhecimentos e domínios de habilidades que precisam compor as competências dos alunos que são formados para uma dada profissão.

O núcleo comum é tratado no capítulo seguinte. Como não há uma disciplina científica para trabalhar as competências e seus componentes, essa preocupação deve ser comum a todas as disciplinas. É preciso considerar esses aspectos ao selecionar as metodologias e estratégias de ensino a serem usadas na prática educativa. O ensino inclui exercí-

cios, aplicação, modelos de vivências em todas as áreas, de modo que todas as disciplinas requeiram agir conforme as atitudes e valores desejados.

No que concerne aos métodos de ensino (capítulo 10), os autores indicam a necessidade de um enfoque globalizado. Essa é a matéria do penúltimo capítulo, no qual são expostos os critérios gerais para as escolhas metodológicas:

- relacionados à necessidade de que as aprendizagens sejam mais significativas possível;
- relacionados à complexidade da própria competência, especialmente, de todo o processo de atuação competente;
- relacionados ao caráter procedimental do processo de atuação competente;
- relacionados às características dos componentes das competências. (p. 144).

Além disso, os critérios precisam levar em conta que desenvolver competências tem caráter interdisciplinar. É necessário também considerar as variáveis da prática educacional, as sequências de conhecimento, as relações interativas entre professores e alunos e entre os alunos. São caracterizados na organização social da classe: o grande grupo, as equipes heterogêneas fixas, as homogêneas ou heterogêneas flexíveis e o trabalho individual. O espaço e o tempo, a organização do conteúdo e os materiais a serem usados também representam cuidados a serem tomados pelos responsáveis pelo ensino-aprendizagem.

A avaliação das competências é o tema tratado no último capítulo, no qual os autores lembram que a ênfase deve ser no tipo de avaliação cujos resultados precisam ser considerados para focar a solução de problemas. Assim, explicitam que ela deve ter um caráter prospectivo, além de propor que seja avaliado se o aluno, diante de uma situação da realidade, é capaz de solucionar e/ou propor um problema, analisar a situação, selecionar um esquema para atuação e agir flexível e estrategicamente. Consideram imprescindível que os alunos frequentemente sejam informados de “como estão sendo competentes”. (p. 180).

O epílogo é uma retomada da proposta como uma nova oportunidade para a Educação. Inclui a formação docente; a estrutura, a organização e gestão acadêmica; o envolvimento da escola-família-sociedade. Zabala e Arnau finalizam propondo “a escola como o órgão que projete, coordene e supervisione as ações educacionais realizadas nos âmbitos formal, informal e não formal”. (p. 188).

O livro é de leitura agradável. A bibliografia é adequada, mas poderia ser mais atual. Considerando o nível e relevância do tema é obra útil para professores, administradores e pesquisadores que atuam em qualquer nível educacional e lecionem qualquer disciplina.